

AS SECAS E AS FOMES NA ICONOGRAFIA COLONIAL DE CABO VERDE (SÉC. XIX–XX)

JOSÉ MARIA BORGES TAVARES*
ANA MAFALDA GOMES FURTADO MOREIRA**

Fecha de recepción: 30 de julio de 2023

Fecha de aceptación: 7 de septiembre de 2023

Resumen: Esta comunicação propõe divulgar, pela imagem, as fomes ocorridas em Cabo Verde de 1580 (as primeiras que aconteceram e que vitimaram várias pessoas e fomentaram a emigração para os Rios de Guiné a 1949, as últimas com enorme mortalidade nas ilhas e que ficaram marcadas por uma elevada taxa de emigração de cabo-verdianos, sobretudo, para S. Tomé, em 1947 e pelo «Desastre da Assistência» em 1949, deixando, por conseguinte, marcas profundas na memória dos cabo-verdianos. Por outro lado, divulga as fotografias históricas que compõem a coleção iconográfica do Museu de Documentos Especiais (MDE) do Instituto do Arquivo Nacional de Cabo Verde (IANCV), que além de serem um registo documental, como fonte de pesquisa e suportes à construção da memória das secas e das fomes no arquipélago, fazem parte da construção da identidade dos cabo-verdianos, preservando a sua memória individual e coletiva.

Palabras claves: Cabo Verde; secas; fomes; emigração; resistência; resiliência.

Abstract: This essay aims to make known, through images, the famines that occurred in Cape Verde from 1580 (the first that occurred and which killed many people and led to the emigration to the Guinea rivers) until the last, with enormous mortality on the islands, and marked by a high rate of emigration in Cape Verde, especially to Sao Tomé in 1947 and by the «Assistance Disaster» of 1949, leaving deep traces in the memory of Cape Verde. The sources used are historical photographs from the Iconographic Collections of the Special Do-

* Instituto do Arquivo Nacional de Cabo Verde. Correo eletrônico: joseb.tavares@iahn.gov.cv.

** Instituto do Arquivo Nacional de Cabo Verde. Correo eletrônico: anamafalda.furtado@gmail.com.

cuments Museum (MDE) of the Institute of National Archives of Cape Verde (IANCV). The images used in addition to form a documentary record, are part of the history itself.

Key words: Cape Verde; droughts, famine, emigration; resistance; resilience.

BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE CABO VERDE

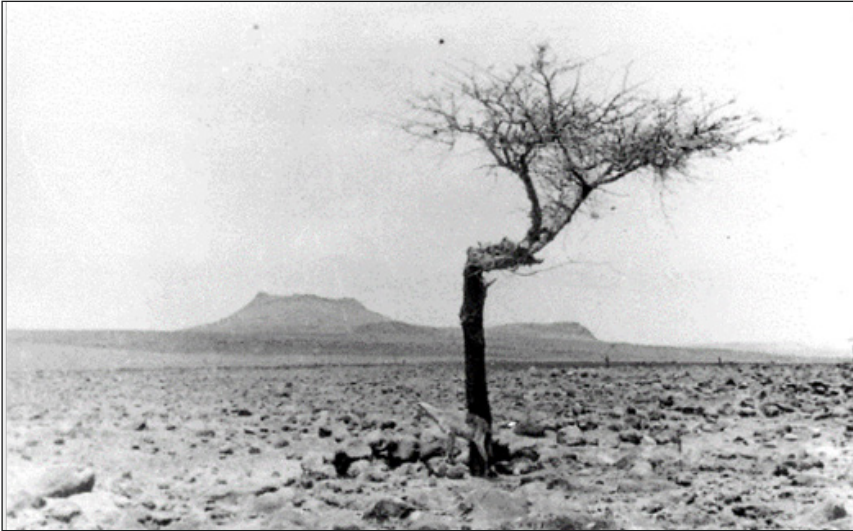
No período colonial, foram várias as fomes que, provocadas por crises alimentícias graves e cíclicas, atormentaram o povo das ilhas. Efetivamente, como afirmara Carreira «*Nestas ilhas tudo se combina para impor ao homem uma vida dura, difícil e de miséria*»¹. Foram «*Anos de agonias, de desalentos, de êxodo, de morte; lares abandonados, vendidos para mitigar as fomes, a sede dos homens, das plantas, dos animais! Eis em síntese, a história de Cabo Verde repetida em muitos e muitos anos*»², e que deixaram marcas identitárias nas ilhas —isto é, a «*resistência e resiliência que caracteriza o povo, das ilhas, face às vicissitudes que assolam o arquipélago. As condições ecológicas destas ilhas, ciclicamente assoladas por secas, com todos os impactos delas advenientes, fizeram das suas gentes um povo resiliente às agressividades do meio e do sistema colonial de mais de quatro séculos*»³.

Conforme tese oficial portuguesa, Cabo Verde foi descoberto por navegadores portugueses em 1460, estando as ilhas desertas. O povoamento teve o seu início por volta de 1462 e começou pela ilha de Santiago, que possuía melhores portos e água doce. Depois seria povoada a ilha do Fogo. O Arquipélago de Cabo Verde situa-se a 455 Km da costa ocidental da África e é constituído por dez ilhas, sendo nove habitadas, e dividido em dois grupos: Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia —ilha

1. CARREIRA, António. *Cabo Verde (aspectos sociais, seca e fomes do século XX)*. 2.^a ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984, p. 36.

2. *Cabo Verde: boletim de propaganda e informação*, ano I, n.º 6 (Praia, 1950), pp. 23-24.

3. MOREIRA, Ana Mafalda. *Catálogo da exposição Resistência e resiliência na colónia de Cabo Verde: mostra parcial do acervo do IANCV*. Praia: IANCV, 2022, p. 14.



Uma paisagem árida. De destacar a cabra, ao pé da árvore, um dos símbolos de resistência dos cabo-verdianos à seca, como elucida Ovidio Martins: «As cabras ensinaram-nos a comer pedras para não perecermos». Fonte: IANCV (Museu de Documentos Especiais). Coleção de Documentos Iconográficos e Martins (1989), p. 13.

não habitada—, São Nicolau, Sal, Boa Vista) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava). Tem oito ilhéus (despovoados).

Santiago, onde está localizada a capital do país, Cidade da Praia, é a ilha de maior dimensão territorial e populacional, sendo as menos habitadas Maio e Boa Vista, seguidas das ilhas do Sal e da Brava. Cabo Verde —«uma nação que se moldou na insularidade e na seca»⁴— tem um clima quente, tropical seco. A estação seca (entre novembro e julho) é mais longa que a húmida, «tempo das águas» (de agosto a fins de outubro). A falta de chuva tem criado dificuldades no país, sendo que, no período colonial, foi uma das principais causas das secas e fomes que, ciclicamente, atormentavam o povo destas ilhas, mormente nas ilhas de vocação agrícola.

4. SEMEDO, José Maria. «Um arquipélago do Sahel». In: *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Arquivo Histórico Nacional, 1998, p. 36.

Antes da Independência, a situação socioeconómica do arquipélago era catastrófica. A principal ocupação da população rural era a agricultura de sequeiro (efetuada durante os três meses de chuvas) e resumia-se essencialmente no cultivo de produtos de primeira necessidade como o milho e algumas leguminosas. De realçar que as ilhas, exceto S. Vicente e Sal, estão vocacionadas para a produção agrícola (regadio e sequeiro) e pecuária.

A produção nas parcelas irrigadas era escassa e consistia no cultivo da cana-de-açúcar (da qual se extraía e produzia açúcar, mel e aguardente) hortícolas e frutas. Para agravar a situação, os proprietários estavam à mercê da carência de água e das pragas que devastavam as plantações.

A criação de gado, embora de forma tradicional, era um complemento à agricultura e à pesca. Esta, apesar se de cingir à captura artesanal, era insuficiente para o sustento das aldeias piscatórias, mas, agravada pela ventania, permitia ao povo das ilhas fazer face às graves crises alimentícias que ciclicamente afetavam o arquipélago.

Por sua vez, a atividade comercial não impulsionava a economia. Por um lado, devido ao seu carácter interno, por outro, a taxa de importações era elevada e a produção destinava-se ao consumo. Havia também enormes dificuldades em escoar as mercadorias, visto que a comunicação entre as ilhas e com o exterior era deficiente, para além de outros constrangimentos como a fraca circulação de moeda ou falta de poder de compra.

Havia, ainda, um comércio inter-ilhas, de produtos como o café (do Fogo), a lenha (do Maio), o sal (da ilha do Sal), o açúcar e o sabão (de Santiago). Os produtos escolhidos para a exportação (em especial para Portugal, países africanos e Estados Unidos) eram o sal, o peixe, a carne seca e salgada, peles, urzela, açúcar, óleo e sementes de purgueira.

É de se realçar que o algodão, principal recurso da terra depois da apanha da urzela e da extração do sal, a par do tráfico de escravos (tendo Cabo Verde, pela sua posição estratégica em relação aos continentes Europeu e Americano, sido convertido

num mercado por excelência, de escravos —o «oiro negro» do continente africano—) teve uma grande importância económica para o arquipélago, mormente nos primórdios do povoamento.

As indústrias, embora quase inexistentes, também eram uma realidade no arquipélago. De cariz familiar, estavam ligadas à transformação de produtos provenientes do sector agrícola, da pesca e da extração mineira. De destacar: os lacticínios, o mel, a aguardente, o açúcar, a preparação do peixe e da carne (secagem e salgação) a cerâmica, o sabão, panos, sal, etc. Este último foi um dos produtos mais exportados no arquipélago⁵.

Constrangimentos diversos constituíram um importante condicionante para o crescimento e desenvolvimento da economia das ilhas, nessa época, a saber entre outros: a ausência de inovações e infra-estruturação do território, a escassez de mão-de-obra, as secas cíclicas e severas, a carência de recursos naturais e financeiros, a concorrência dos produtos industrializados da Europa (com a Revolução Industrial), contribuindo, por conseguinte para o declínio da agricultura e da criação do gado, bem como da produção industrial, da qual apenas sobreviveram a destilação de aguardente (em condições técnicas rudimentares) e a extração do sal.

AS FOMES EM CABO VERDE: CAUSAS E EFEITOS (1580-1949)

Cabo Verde, durante séculos, foi dominado por um regime colonial escravagista, marcado pela insularidade e pelas secas cíclicas que dizimaram, de fome, milhares de cabo-verdianos e provo-

5. Cf. para esta parte: *Africana*, n.º especial 4 (1996), pp. 150-154; ALMEIDA, João. «O Porto Grande de S. Vicente de Cabo Verde». In: *Boletim Agência Geral das Colónias*, n.º 3, 4, 5 (Lisboa, 1925); SEMEDO, José Maria. «Um arquipélago do Sahel». In: *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Arquivo Histórico Nacional, 1998, pp. 27-49; SILVA, António Correia. *Histórias de um Sahel insular*. Praia: Spleen, 1995, p. 45.



Habitantes de S. Vicente e Fogo (fome de 1942). Fonte: IANCV (Museu de Documentos Especiais). Álbum de Postais n.º 2; Corrêa (1949), Est. XX (3) e R.P.S.A.C. Cx. 223, peça 11.

caram a saída massiva destes para «terra longe», nomeadamente, para São Tomé.

O inconformismo contra as fomes, a opressão e exploração coloniais, bem como contra o abandono a que o regime colonial votou o arquipélago desde o povoamento, provocou, ao longo dos anos, momentos e factos de resiliência no arquipélago como, entre outros, a escravatura e o tráfico, as secas e as suas consequências, mormente as fomes e a emigração.

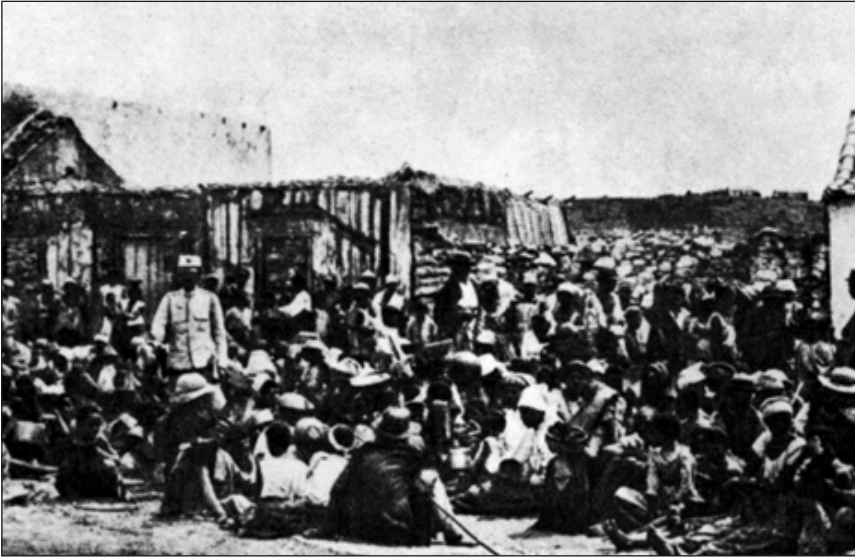
Efetivamente, durante o período colonial, o arquipélago foi assolado por crises alimentícias graves e cíclicas, que se repetiram desde o século XVI até a década de quarenta do século XX. Porém, nem sempre as fomes atingiram de forma generalizada todo o arquipélago. Havia períodos de relativa calma em matéria de fomes e as crises podiam ser mais intensas numas ilhas do que noutras. As de Sotavento foram, na maior parte das vezes, as mais afetadas. De entre os vários períodos de fomes, realçamos:

i. As fomes de 1580 a 1583, as primeiras que aconteceram e que vitimaram várias pessoas e fomentaram a emigração para os Rios de Guiné⁶.

ii. As fomes de 1903-1904 que provocaram em toda a província, 12 008 mortes, das quais 10 114 na ilha de Santiago.

iii. As fomes de 1864 a 1866 que atingiram todas as ilhas, sendo Santiago a mais afetada. A escassez de géneros e água dizimava homens e animais e fazia com que os famintos do interior convergissem para os centros urbanos, à procura de comida, água e cuidados de saúde (sic.): «*a aglomeração de doze a quinze mil indivíduos, que vieram a esta cidade implorar os socorros publicos, cheios de miseria e privações, sem casas, sem roupa (...) a mortalidade é assustadora*» (cf. *Boletim Oficial*, n.º 17, de 7

6. CARREIRA, António. *Cabo Verde (aspectos sociais, seca e fomes do século XX)*... *Op. cit.*, p. 29.



*Famintos, na cidade da Praia, durante as fomes de 1903-1904.
Fonte: Carreira (1984), p. 215.*

de maio de 1864, p. 93). A cidade da Praia funcionava como «porto de abrigo» dos famintos, do interior e de outras ilhas, que afluíam à cidade, à procura de comida que lhes matasse a fome que os atormentava. É que além de ser a sede do governo, dos principais serviços (inclusive os de assistência pública) e do comércio, funcionavam na cidade da Praia vários postos de socorros.

iv. As fomes de 1946 a 1949, as últimas com enorme mortalidade nas ilhas e que ficaram marcadas: por uma elevada taxa de emigração de cabo-verdianos, sobretudo, para S. Tomé, em 1947 e pelo «Desastre da Assistência» em 1949, deixando, por conseguinte, marcas profundas na memória dos cabo-verdianos.

Para agravar a situação de pobreza, seca e fome que se vivia nas ilhas, no período colonial, registava-se, com frequência, a propagação brusca de doenças como a febre, varíola, gripe, escorbuto, etc. que também dizimavam a população.

AS PRINCIPAIS CAUSAS DAS FOMES EM CABO VERDE

Além do abandono a que o arquipélago foi submetido pelo governo colonizador, as principais causas das fomes que devastaram Cabo Verde, durante o período colonial, foram as graves crises alimentícias que ciclicamente flagelavam as populações. Essa carência alimentar e consequente proliferação das fomes nas ilhas, ao longo dos anos, foi provocada por diversos factores. Entre eles, destacam-se:

a) As secas, a escassez de chuvas na estação adequada, motivava graves crises na produção agrícola quer de sequeiro, quer de regadio, esta devido à redução das águas das nascentes. Por conseguinte, ocorria uma carência quase absoluta de géneros alimentares e a maioria da população, cuja subsistência dependia da atividade agrícola, passava fome. «*Toda gente conhece as tradicionais crises de Cabo Verde. De tempos a tempos, quando na época própria faltam as chuvas, as sementeiras perdem-se nos terrenos ressequidos, não há milho para o sustento das populações mais pobres, não há pasto para o gado: mas há fome que faz milhares de vítimas...*». (v. Ofício n.º 61 de 18 de setembro de 1919 da Repartição do Gabinete do Governo da Província de Cabo Verde p. 29, in S.G.G. Cx. 120).

b) Pragas e ventos. Além da estiagem, a crise alimentícia também era provocada por pragas (gafanhotos e «lagarta») e fortes ventos de leste que devastavam as plantações e pastos, gerando graves crises alimentícias. Na ilha Brava em 1897, por exemplo, a estiagem e o vento inutilizaram as searas bem como as batateiras das quais apenas sobraram as raízes com as quais as pessoas se alimentavam. No Concelho de Santa Catarina, em 1921, «*o bicho preto (lagartas) destruiu quasi toda a sementeira no Concelho, que se apresentava bonita...*». (v. Ofício n.º 152, de 26 outubro de 1897. In S.G.G. Cx. 449).

c) A mortandade de animais, estes que muitas vezes eram os únicos recursos não só para o consumo, como para a venda e se-



*Fonte do Cutú, S. Vicente IAHN (Museu de Documentos Especiais).
Álbum de Postais n.º 1.*

quente aquisição do indispensável para o sustento da população, era igualmente uma das causas das fomes em Cabo Verde.

d) Carência de recursos financeiros, nem sempre a fome estava associada à falta de géneros, mas sim à carência de recursos financeiros. Mesmo a preços acessíveis a classe pobre, desempregada, não tinha meios para a aquisição de alimentos. Foi o que aconteceu na Brava, no mês de janeiro de 1890, onde não «*faltaram generos para o consummo dos habitantes do concelho, mas à classe mais pobre faltou o numerário para os adquirir...*». (v. Ofício n.º 152, de 26 outubro de 1897. In S.G.G. Cx. 449.

e) Dificuldades na comunicação entre as ilhas e com o exterior. A inexistência de uma navegação regular entre as ilhas e destas para o exterior, dificultava o provimento de víveres e por conseguinte contribuía para a escassez e especulação de preços



Famintos à procura de auxílio em S. Tiago (fomes 1947-1948) e Fogo (fome de 1942) e distribuição de rancho pela Assistência em Santo Antão (fome de 1945?). Fonte: IANC- R.P.S.A.C. Cx. 223, peça 11. Carreira (1984), p. 216. Os efeitos das fomes na vida do povo das ilhas.

dos bens essenciais e provocava fomes em Cabo Verde, particularmente nas ilhas sem tradição agrícola, onde por um lado, o comércio era a principal atividade económica e por outro, dependiam das remessas das outras ilhas, bem como do estrangeiro. Foi o que aconteceu, nas ilhas do Sal e S. Vicente. Importa realçar que foram tomadas medidas diversas para assistir os famintos, mas, essas soluções paliativas como a importação de mantimentos, a distribuição de géneros alimentícios, crus e cozidos (esmola do governo), nos postos de socorros, cozinhas públicas e albergues e a abertura de obras públicas (os chamados trabalhos de crise), além de nem sempre chegarem a tempo, eram insuficientes, como de resto se pode comprovar pela elevada taxa de mortalidade, então, ocorrida no Arquipélago.

As fomes originaram graves e dolorosas consequências para o povo das ilhas, embora com mais violência numa região do que noutras, sendo aqui de referir, além do declínio da atividade económica, roubos, desemprego e atrasos salariais, a inflação e especulação de preços das poucas reservas existentes, os seguintes efeitos das fomes nos ilhéus: doenças, mortes e as migrações e a emigração.

f) Doenças e Mortes. A carência alimentar, conjugada com a falta de higiene e infecções, fazia com que a população enfrentasse, nessa época, vários problemas de saúde e nutrição. Famintas e muito debilitadas pelas doenças —*«são já avultados os cadáveres ambulantes»*— as pessoas acabavam por falecer, sendo a mortalidade muito elevada nas ilhas, sobretudo a infantil. *«As de poucos mezes, em resultado de seccar o leite às mães»*. (v. Ofício, de 23 fevereiro de 1914. In S.G.G. Cx. 454; Ofícios n.º 833, de 29 de junho de 1903 e n.º 838 de 30 de junho de 1903. In S.G.G. Cx. 650).

Relativamente às mortes, realçamos aqui o *«Desastre da Assistência»* ocorrido na cidade da Praia, em 20 de fevereiro de 1949, causando centenas de vítimas mortais. Isto é, a situação de seca e fome que se vivia, desde 1946, foi agravada com o desabamento



Famintos da ilha do Fogo (1942) e Santiago (fomes de 1947-1948), sendo um faminto morto numa achada, uma criança agónica e outra com pé direito deformado.

Fonte: IANCV-R.P.S.A.C. Cx. 223, peça 11 e Carreira (1984), pp. 217 y 219.

O «Desastre da assistência».



Vítimas do «Desastre da Assistência» na cidade da Praia, em 20 de fevereiro de 1949. Fonte: Carreira (1984), pp. 221-224.

do muro sul do quintalão, onde diariamente era alimentada a população faminta. Nesse dia, conforme nos relata o Dr. Bento Levy:

*«O vento que até então soprara a dez quilómetros à hora, passou a soprar em rajadas ciclónicas de 60 quilómetros... Meio dia. A cidade é sobressaltada pelo som cavo do desmoronamento. Gritos... correrias... estupefacção (...) O alpendre e o muro sob que se abrigava a maior parte dos indigentes que recebiam refeições diárias fornecidas pela Assistência, desabaram sobre eles, ocasionando mortos e feridos (...) O espectáculo é horrível. Gemidos... sangue... corpos trucidados... mães que procuram os filhos (...). A ordem é restabelecida e vem o balanço trágico: 232 mortos, 47 feridos!! (...)» (Nas estatísticas oficiais. In: *Cabo Verde* (1950), ano I, n.º 6, p. 1).*

O cortejo fúnebre foi pesaroso, isto é, embrulhados em lençol branco os corpos foram alinhados na carroçaria de camionetas, envolvidos em pano preto e transportados para o cemitério. Os cadáveres foram sepultados em valas, separados por camadas de cal e terra.

A EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA ENQUANTO FORMA DE RESISTÊNCIA

As fomes provocavam deslocações em massa de pessoas, quer entre as localidades e ilhas, quer para o exterior. Santiago e São Vicente acolheram os grupos populacionais de um espaço rural sem recursos, que viam nesses centros urbanos a solução para os problemas que os afligiam.

A emigração levou para «terra longe» (Estados Unidos da América, Senegal, América Latina, Europa e outras colónias portuguesas, como São Tomé, Angola e Moçambique) grandes contingentes de cabo-verdianos. Emigrar era o maior anseio do povo das ilhas para fugir à fome e à miséria num arquipélago ciclicamente assolado por graves crises agrícolas.

Calculava-se que a ilha de S. Tiago «*deve ter perdido durante o anno de 1903, para cima de 18 000 habitantes*» devido às mortes e emigração e que «*de 1946 a 1947 tenham saído cerca de 20 000 almas do arquipélago*» (In S.G.G. CX. 128 e 650).

A EMIGRAÇÃO PARA S. TOMÉ

A emigração para as roças de S. Tomé e Príncipe era uma emigração forçada, isto é, organizada pelo Governo da Província, que oferecia passagens e outras benesses aos contratados (v. Portaria n.º 39 de 5 de março de 1864. BO n.º 12, de 2 de abril de 1864, p. 57).

A primeira grande leva de emigrantes para as roças de S. Tomé foi promovida pela administração colonial, na sequência das fomes que devastaram o arquipélago entre 1864 e 1866. Assim, em 1864 saíram através do porto da Praia, no vapor D. Pedro, 86 pessoas que pediram passagem para S. Tomé (v. Ofício de 29 de março de 1864. In A.C.P.CX. n.º 55).

As condições de transportes de emigrantes não eram as melhores, sendo frequentes os casos de naufrágio:

«(...) aos barcos faltam, em regra, as necessárias condições, a sua lotação é quasi sempre excedida e os géneros alimentícios que fornecem aos passageiros não primam pela qualidade e (...) quantidade. Os emigrantes são metidos a bordo como verdadeiros rebanhos —numa ignóbil promiscuidade, sem alojamento capaz—. Porém, os “contratados aceitaram tudo quanto os angariadores quisessem”, porque havia “fomes, havia o medo da morte”». (S.G.G. CX. 714).

Defendia-se a emigração para os EUA, devido às remessas dos emigrantes. Mas, a emigração para S. Tomé era tida como prejudicial para o arquipélago, porque além de reduzir a mão-de-obra, os contratados regressavam pobres e doentes devido aos abusos



*Santiago-Porto da Praia. Fonte: IANCV (Museu de Documentos Especiais).
Coleção Iconográfica.*

sofridos nas roças. «*Em todos esses ultimos annos de crise, nas epochas mais difficeis, de julho a setembro, as encomendas remettidas d'America do Norte suavisaram immenso a falta*». (v. S.G.G. CX. 449 e R.P.S.A.C. CX. n.º 128).

Relativamente à emigração para os Estados Unidos da América, sucedia de forma espontânea, isto é, sem a intervenção das autoridades da época, pese embora influenciada, também, pela seca, fome e miséria.

Emigrava-se fugindo da crise, mas também se emigrava por motivos profissionais e de estudo. De realçar que a saída de cabo-verdianos para o estrangeiro começou no final do século XVIII através dos navios baleeiros americanos que vinham às ilhas apanhar cetáceos.

De fato, as estiagens, as fomes e a emigração catapultaram para «terra longe» grandes contingentes de cabo-verdianos, como de resto realça Carreira⁷:

7. CARREIRA, António. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2.ª ed. [Praia]: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1983, p. 338.

«Os grandes factores que impeliram (e impelem) o cabo-verdiano para a emigração, por vezes incontrolada, são: as secas, as fomes, a defeituosa repartição das terras, a carga demográfica e implícito desequilíbrio produção/população».

Enfim, estas informações e as fotografias que aqui damos a conhecer, divulgam um período negro da nossa história, marcado por muitos anos de sofrimento, desespero, êxodos, lares e famílias desfeitos, propriedades penhoradas ou vendidas para mitigar a fome, roubos, mortes e miséria de inúmeros cabo-verdianos, cuja luta pela sobrevivência nas «ilhas da felicidade» não foi fácil, sobretudo, devido à insularidade e à seca que desde os primórdios fizeram sentir seus efeitos nas ilhas.

Ainda hoje, Cabo Verde é fustigado com a falta de chuva, com consequências sociais graves nas ilhas, mas ninguém morre de fome no arquipélago. Graças a um esforço coletivo das autoridades, dos cabo-verdianos, dos emigrantes e dos parceiros internacionais, conseguiu-se erradicar a fome, porém, persiste a pobreza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABO Verde: boletim de propaganda e informação, ano 1, n.º 6 (Praia, 1950), p. 1.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. Lisboa: [s. n.]: 1972, pp. 367-391.
- CARREIRA, António. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2.ª ed. [Praia]: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1983, pp. 35-38, 87-121.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde (aspectos sociais, seca e fomes do século XX)*. 2.ª ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984, pp. 67-99.
- IANCV. Digitalização Roberto Lopes.
- IANCV (Museu de Documentos Especiais). Coleção Iconográfica (Pos-tais-álbum 2).
- IANCV. Repertório numérico simples do Fundo Arquivístico da Repartição Provincial dos Serviços de Administração Civil (1907-1979).

- IANCV. Repertório numérico simples (papéis avulsos) do Fundo Arquivístico da Secretaria-Geral do Governo (1803-1927). Arquivo Histórico Nacional, 1994, p. 638.
- IANCV. Repertório numérico simples (papeis avulsos) da Administração do Concelho da Praia (1868-1975). Arquivo Histórico Nacional, 1998, p. 410.
- IANCV. Repertório numérico simples da Repartição Provincial dos Serviços de Administração Civil (1907-1979). Arquivo Histórico Nacional, 2004, p. 856.
- MOREIRA, Ana Mafalda. *Catálogo da exposição Resistência e resiliência na colónia de Cabo Verde: mostra parcial do acervo o IANCV*. Praia: IANCV, 2022.
- SEMEDO, José Maria. «Um arquipélago do Sahel». In: *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Arquivo Histórico Nacional, 1998.